

Kadical Paulistano

CAPITAL
Trimestre 38000
Semestre 68000
Anno 128000

ORGAN DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, QUINTA-FEIRA 12 DE AGOSTO DE 1869

PROVINCIAS
Trimestre 48000
Semestre 78000
Anno 138000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;
Ensino livre;
Polícia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporário e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da polícia;
Suffragio directo e generalizado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de província eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunais superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompatible, e a escolha de seus membros fora da ação do governo;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem no meação para empregos públicos e igualmente títulos e condecorações.
Os funcionários públicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 rs.

RADICAL PAULISTANO

Um impossível

A reforma ou a revolução: é esta uma grande verdade, conhecida pelo paiz, há muitos annos, e que se tornou mais saliente depois que o partido conservador assumiu a governança do estado.

Os constantes erros do sr. d. Pedro II, a pessima direcção da sua política, os males da situação passada, e, além de tudo, os ultimos disparates do governo actual, collocaram esta pobre nação em um estado bastante perigoso, do qual ella não se poderá livrar pela força dos meios pacíficos, em conformidade com as circunstâncias normaes.

As graves e soberanas questões que estão pendentes sobre o horizonte desta patria de martyres e de algozes não são daquellas que se podem decidir pelos meios ordinarios; ao contrario, elles exigem, da parte dos cidadãos deste paiz, um esforço supremo, uma energia quase sobre-humana.

O corpo desta nação está excessivamente estragado, as meias medidas, longe de curá-lo, servirão sómente para prolongar-lhe, e, no futuro, augmentar-lhe os males. Só um remedio violento, só medidas energicos e promptos conseguiram amparar este gigante brasileiro, que se vai gangrenando e decompondo de um modo rapido e assustador.

Não é mais possível, hoje, negar se que este paiz marcha, a olhos vistos, para um abysmo de insondáveis misérias, e em um declive, onde sómente o poderão fazer parar ou a execução de reformas profundas e largas, ou uma revolução, tremenda em si, mas benevolia e fertil em suas consequencias.

O dilemma está lançado, e elle se apresenta com todas as cores de uma grande e incontestável verdade. Não nos é dado occultar-jamais aos olhos da nação; cumpre, pelo contrario, estudal-o, e ver o lado pelo qual pôde elle ter uma realização.

A reforma é um impossível, não pelas considerações apresentadas na tribuna e na imprensa conservadora, pois que o paiz, de ha muito, as pede, e está prepara-lo para recebel-as; mas o sr. d. Pedro II não as quer, e elle é tudo nesta terra, o unico poder visivel e invisivel que a governa.

O imperador não quer as reformas, e este não quer de sua s. m. é tudo neste paiz, onde todas as coisas podem ser conquistadas, menos aquellas que o rei deliberou reservar para si.

E loucura, pois, esperar-se pelas reformas, de que a nação precisa para salvá-se; o poder absoluto do nosso primeiro divino não as consente, não as tolera por forma alguma, e, ante semelhante magestade, nada nos é dado fazer, senão o dobrar submissamente os joelhos, para beijar-lhe respeitosamente as sagradas mãos.

Nas condições, em que nos achamos, só é lícito a um partido, sinceramente democratico, verdadeiro representante da vontade popular, aceitar o poder, para no dia seguinte convocar imediatamente uma constituinte, afim de que esta, legítima e directa representante da nação, estableça as reformas de que a nossa constituição precisa, e de que o nosso paiz já não pode prescindir.

Só assim aceitaremos o poder, porque, de outro modo, subirímos pela força do braço do sr. d. Pedro II, aviltando nossas convicções e mentindo ao nosso credo politico.

Queremos o poder dado pela nação, e não aquelle que é concedido pelos caprichos da vontade imperial.

Mas, o poder, nestas condições, é um impossível, porque o sr. d. Pedro II não concorda com elle; s. m. tem medo que

a nação manifeste a sua vontade, e principalmente por meio de uma constituinte.

De outro modo poderão subir as escadas de S. Christovam todos os aulicos desta nação, para receber do monarca a palavra de ordem, porém não subira por elles nenhum liberal sincero amante, do seu paiz e fiel aos sãos princípios da escolha democrática.

Não nos illudamos: a liberdade não pôde ser conquistada entre nós pelos meios normaes, porque a vontade irresponsável é oposta à vontade do povo, e possue o maximo poder, ante o qual, todos os outros não são mais do que palidos reflexos de uma luz empresta.

De balde os homens procuram formar combinações politicas, em vão tentam confeccionar programmas, tudo isto baquerá por terra, logo que elles forem respirar as brisas dos regios aposentos do señor deste paiz de ruínas, logo que desejem caminhar de harmonia com a sua pessoa.

E ai delles, no dia tremendo da justica nacional, naquelle em que esta tiver de saldar todas essas contas que de ha muitos annos se vão acumulando consideravelmente.

Todos os phenomenos politicos e sociais deste paiz denotão o exordio de um cataclisma horrivel, que não pôde demorar-se, de uma revolução tremenda, que não é possivel conter-se. Aquelles

que se querem illudir a este respeito, ou estão cegos, ou querem cegar os seus concidadãos.

N'estas condições a reforma placida e tranquilla das nossas instituições é um impossível; ella se fará, não ha dúvida, mas por meio da revolução, que o sr. d. Pedro II e os seus archeiros precipitam todos os dias de um modo veloz e inevitável.

Então cabe a nossa vez de dirigir o paiz, dirigindo a revolução. Triste e nobre missão, na verdade, triste, porque vemos os nossos concidadãos caminharem para a morte, e não lhes podemos por um paradeiro na carreira, nobre, porque nos reservamos para os dias infelizes da patria, esperando, não colher os louros do poder, mas sómente supportar o peso do martyrio e os riscos da morte.

Eis o legado que nos tem preparado este triste e luctuoso reinado, sis as assustadoras circumstâncias em que elle collocou a nação.

Não se deve hoje pensar na conquista do poder; a missão do bom cidadão é outra: instruir o povo e preparal-o para resistir e vencer os grandes perigos que nos ameaçam em um futuro que não está muito longe de nós.

E' preciso instruir o povo e mostralhe o que cumpre fazer em nossas instituições, para que no dia da revolução, que hoje não é possivel fazer parar, elle não caia na anarchia, mas saiba encaminhar-se de um modo seguro para a conquista da sua felicidade futura.

Não se tracta do poder, quer-se salvar a vida e a propriedade dos cidadãos desse paiz, tracta-se do seu futuro e não do seu presente, porque este está perdido.

Esta é a missão do radicalismo: salvar o povo, não conquistando actualmente o poder, mas salvá-lo da anarchia de uma revolução em que o governo do sr. d. Pedro II o arroja de um modo desabrido e impiedoso.

Tem, pois, o partido radical em sua frente um impossível, é o poder na actualidade; tem uma espinhosa, mas nobre e santa missão no futuro—a de dirigir a revolução, arrancando este pobre paiz da anarchia em que os aulicos o procuram submergir.

E' esta a grande missão desta nova cruzada; Deus a proteja e a encaminhe, para bem desta pobre nação e para a salvação e gloria do seu futuro.

Fóro da capital

JUIZO DE PAZ DO DISTRITO DO NORTE

« Illm sr. juiz de paz do norte.

« O abaixo assignado tomou de aluguel ao administrador da praça do mercado Antonio Pinto Praxedes Guimaraes, um dos quartos (o de n.º 20) por tres ou qua-

dri dias, na rasão de trezentos réis diarios, isto no dia 13 do corrente, pelo meio dia.

« N'esse mesmo dia e hora mencionados o abaixo assignado recebeu a chave do quarto, e n'elle recolheu 50 galli-

nhas.

« A's 3 horas da tarde o administrador

Guimaraes propoz ao abaixo assignado

troca do quarto alludido por outro des-

concertado e sem segurança.

« Recusou o abaixo assignado a troca

offerecida, para não arriscar-se a perder,

por falta de segurança, as aves de sua

propriedade.

« O administrador Guimaraes despoti-

camente, em face do peticonario, diri-

giu-se ao quarto, abriu a porta, soltou

as gallinhas, e alugou o aposento a outra

pessoa; e, com este procedimento, deu

lugar a que as ditas aves se extraviavam

sem; pelo que prejudicou o peticonario

na quantia de rs. 40\$000, conforme o pre-

ço regular do mercado da capital.

« E, pois, á vista do allegado, requer o

supplicante á v. s. que se digne mandar

o supplicado para a primeira audiencia d'este juizo, assim a conciliarse e, ca-

proceder contra elle, ouvindo as teste-

munhas a margem indicadas, e condemnando-o em principal e custas, como é

de direito.

« P. benigno deferimento,

« S. Paulo, 15 de Março de 1869.

« Francisco Pereira Thomaz. »

Provada esta alegação com depoimentos de testemunhas, requereu, em seguida, o supplicado provar não só a inexactidão do contexto da petição supra, como ainda a falsidade dos depoimentos.

Isto foi-lhe concedido; as testemu-

nhas, porém, apresentadas pelo réo de-

pozerao o contrario do que elle preten-

dera provar, e confirmaram os assertos

do autor.

A 1.º do corrente, tres meses e meio de-

pois de iniciada a causa, lavrou o meritissi-

mo sr. juiz de paz a seguinte memoria-

vel sentença, para a qual ousou invocar a

sisuda atenção dos homens de bom

senso:

« Vistos e examinados estes autos entre

partes Francisco Pereira Thomaz—autor,

e Antonio Pinto Praxedes Guimaraes—réo,

e reflectindo que este, pelo facto de soltar

as aves não destruiu nem prejudicou a pro-

priedade do autor, e sendo certo, por

provado e confessado, que ao autor era indi-

ficiente utilizar-se do quarto arruinado, pois

que o acceptaria se lhe fosse dado gratuitamen-

te, deprehende-se que, sem fundamento,

e nem razão tomou deliberação de aban-

dar sua contestada propriedade, facil-

de ser de novo recolhida, para fazer ou tentar

fazer perzar ao réo indemnização inaplica-

vel e injusta.

« Absolvo, pois, o réo da indemnização

pedida e condemno o autor nas custas.

« Dou esta por publicada em mão do

escrivão, que fará as precisas intimações.

« S. Paulo, 24 de Junho de 1869.

« DR. FRANCISCO HONORATO DE MOURA. »

Sentenças d'estas tenho eu lido muitas

em comedias e em outros escritos bur-

lescos, proprios para provocar o riso

e a galhofa; o que jamais pensei, confia-

do sinceramente na civilisação do meu

paiz, é que, na importante cidade de S.

Paulo, á portas de uma egregia faculda-

de jurídica, em autos ordenados em

nome da justica, para manutenção do

direito, um cidadão respeitável pelas

sus luces e pela sua honradez, posesse

termo a uma lide com essa irrisoria peça de entremez.

Era minha intenção dar á estampa o processo inteiro, para que o peço bem admirasse o modo extravagante pelo qual se administra justica no Brasil; a sentença, porém, que venho de inserir, é tão fértil de brillantes fundamentos que dispensa-me de maior trabalho.

Ella por si prova que o meritissimo juiz depois de prolongada reflexão resolveu-se a amputar sem piedade os direitos do infeliz Francisco Pereira Thomaz.

S. Paulo, 30 de Julho de 1869.

LUIZ GAMA.

O governo de Lopez e o do sr. d. Pedro II

O sr. barão

sr. d. Pedro II, já foi por elle reconhecido, e considerado legitimo. Isto quer dizer que a nossa politica de absurdos e contradições, não se limita sómente a destruir as cousas do paiz, vai além, estende-se até aos negócios internacionaes. E, é procedendo por este modo, que desejamos ser respeitados no exterior e considerados como um paiz, que possue um governo justo e digno?

Mas, deixemos de parte estas considerações, e analysemos o trecho do sr. Cotelipe sob outros aspectos, comparando o que elle diz, relativamente ao governo de Lopez, com a applicação que se lhe pôde dar, em referencia ao governo do sr. d. Pedro II.

Diz o sr. Cotelipe que o governo do presidente da republica do Paraguai não pôde ser considerado legitimo, porque Lopez o obteve, não por meio do voto nacional, mas em virtude de um testamento, e que na reuniao do congresso, que aprovou esse testamento, houve um deputado que protestou contra esse acto, tendo como recompensa o não saber-se, de então em diante, o fim que se dera a sua pessoa.

Estas considerações, mais ou menos, tambem se podem aplicar em relação ao nosso governo; senão vejamos:

Feita a independencia do Brasil, tinha este de estabelecer qual a sua forma de governo, para mais tarde escolher a nação ou um monarca ou um presidente, conforme o sistema governamental que a constituinte, eleita pelo povo, tivesse firmado.

E verdade que a constituinte foi eleita, mas, não é menos verídico, que Pedro I a dissolveu pela força das armas, proclamando-se imperador deste vasto paiz, para, mais tarde, conceder-lhe uma constituição, na qual firmava a perpetuidade da sua dinastia, rodeando-a sua pessoa de todas as prerrogativas e poderes, sem attender aos direitos e interesses da nação que elle acabava de apunhalar e abater.

Nessa occasião, e depois della, não houve sómente um deputado que protestasse contra semelhante acto de barbarismo, como sucedeu no congresso paraguayo, houve uma assemblea, que vilmente foi enchotada de um recinto para onde a havia mandado o voto da nação; houve muitos bons patriotas, amantes do seu paiz e da causa da justiça, que também o fizeram, e que, mais tarde, banindo o autor desse despótismo, fizeram-lhe conhecer a força da soberania popular, e os graves delictos que elle havia commetido.

Se, pois, o governo de Lopez não é legitimo, porque lhe falta o cunho da vontade nacional, o do sr. d. Pedro II não o é mais, por ser a prolongação desses actos de desrespeito à soberania dessa nação, praticados por seu pai, e seguidos religiosamente pelo seu successor.

Nestas condições, é fóra de dúvida, que, se o governo de Lopez não é legitimo, pelos argumentos do ministro da marinha, o do sr. d. Pedro II está no mesmo caso.

Além disto, é bom observar que o poder de Lopez, obtido por meio de um testamento, teve a seu favor a aprovação do congresso da sua nação; onde sómente uma voz se levantou para protestar contra; em quanto que o de d. Pedro I não obteve nem mesmo essa mascaraada.

E verdade que, nos poderão responder, que o juramento improvisado da nossa constituição, o aceitamento tacito do governo de d. Pedro I e de seu filho, e finalmente o reconhecimento dado a elle pelas nações estrangeiras vieram legitimar-o, fazendo desaparecer o vicio de sua origem; mas todos estes argumentos que militam em favor do governo do sr. d. Pedro II, também se podem aplicar, e de um modo idêntico, em beneficio do governo de Lopez, porque todos estes factos se derrão em relação ao actual presidente do Paraguai.

Se Lopez não é legitimo representante do governo paraguayo, porque tem morto mulheres, crianças e bispos, e por ter-se feito o verugo de sua patria, e sr. d. Pedro II, que tem desmoralizado este paiz, que tem morto os seus partidos politicos, que tem roubado a liberdade deste pobre povo, que o tem arrastado á miseria no interior e a deshonra no exterior, que declarou, e continua a manter, no territorio paraguayo, uma guerra que vai matando aos milhares os filhos deste desventurado imperio, esgotando aos milhões a sua fortuna, não é, de certo, o legitimo representante do governo deste povo, que ama a paz, a gloria e a liberdade, que quer o progresso, a vida, o amor e a consideração dos outros povos, e

principalmente dos que habitão o seu continente.

Se são, por tanto, procedentes os argumentos do sr. Cotelipe, para justificar a guerra que o nosso governo faz ao do Paraguai, era necessário que s. ex. fosse adiante, e dissesse que o mesmo se dava em relação ao nosso paiz, por cuja razão amanhã os Estados Unidos tinham o direito de fazer ao sr. d. Pedro II, o que este está praticando para com Lopez. A não ser isto uma verdade, é, pelo meno uma consequencia necessaria das premissas estabelecidas pelo actual ministro da marinha.

Nós, entretanto, não aceitando as premissas do sr. Cotelipe, condenamos forçosamente as suas inevitaveis conclusões; e, de tudo que s. ex. exprimiu sobre este assumpto, colligimos sómente que o governo do sr. d. Pedro II é um governo illegítimo; e, como elle é causa que nos pertence, acreditamos ter a faculdade de depô-lo com mais direito do que o nosso governo querendo fazer o mesmo em relação a Lopez.

A sentença está lavrada e pelo proprio ministro da coroa e senador do imperio, aquelle que gosa da sua confiança e a procura defender a todo o custo.

O projecto do código civil do sr. dr. Teixeira de Freitas

Decididamente o sr. Alencar perdeu a cabeça, e, não contente com isto, quer, a todo o custo, perder o paiz.

Não satisfeito com o grande numero de reformas que tem confeccionado e continua a confeccionar na febre do seu delírio reformador, o ministro da justiça procura inutilizar a grande obra do primeiro jurisconsulto deste paiz, um dos poucos brasileiros que tem sabido honrar a sua nação pelo seu saber e virtudes.

Na sessão da camara dos deputados de 23 do mes passado o pretenso ministro da justiça fulminou esse trabalho monumental do sr. dr. Teixeira de Freitas, chamando-o de immodesto e inteiramente novo, não só no paiz, como na sciencia do direito civil.

A este proposito acreditamos poder aplicar, em relação ao autor da Luciola, o seguinte trecho da obra do sr. Alexandre Herculano, sobre o casamento civil, quando este illustre escritor se refere a Lobão:

«... mestre das artes, que emendava o beirão engenhoso, e deu-lhe a direcção a endireitar as torturas do illustre Mello Freire. Com que delicias não castiga elle ás vezes as ignorâncias desse pobre homem de genio! Era naquelles volumes que estava escripta a minha sentença condemnatoria. Sem o saber, eu tinha o Lobão contra mim.»

O sr. Alencar não precisou de tanto, para desmoronar o projecto do código civil do sr. dr. Teixeira de Freitas; não necessitou de pilhas de volumes, como Lobão para esmagar Mello Freire; foi-lhe bastante duas palavras, ao contacto das quais tornou-se em zero a obra desse distinto brasileiro, desse pobre homem de genio, na expressão do illustre escritor portuguez. E o caso é, que neste modo o sr. dr. Teixeira de Freitas, «sem o saber, tinha», o sr. Alencar contra si.

Que o celebre ministro da justiça é um ser em excesso orgulhoso, e que tem pretenções de escalar os céos, é cousa que ninguém ignora, mas, que s. ex. levasse a sua loucura a ponto de procurar ridicularizar um trabalho de superior mérito, feito por um homem considerado por todo o paiz e no estrangeiro, um verdadeiro mestre de mestres, é um arrojo que nunca suppunhamos poder partir de quem não posse, nem se quer, as qualidades para ser um bom discípulo de um tão subido mestre.

Diz o perfumado poeta da pasta da justiça, que o projecto do código civil do sr. dr. Teixeira de Freitas é immodesto e inteiramente novo, não só no paiz, como na sciencia do direito civil. E o que será s. ex. exprimindo-se por este modo, em referencia ao trabalho de um homem, a quem o paiz venera pela sua illustração; trabalho que tem provocado a admiração dos homens mais entendidos na sciencia do direito?

O sr. Alencar neste ponto está, como um pobre cego que quer por força descontar os brilhantes painéis, que a natureza oferece áquelles que tem vista, e, como não o pôde fazer, blasfema contra tudo e contra todos. E é por este modo que se pagão os grandes esforços de um distinto filho deste paiz, e se rouba aos brasileiros um monumento de gloria e de saber.

O nosso direito civil, além de ser incompleto para as necessidades da vida social, e em certos pontos não corresponde às ideias da civilização moderna, contém em seu seio algum romanismo que não está de conformidade com a sua natureza; e nestes ultimos tempos, principalmente no fôro do Rio de Janeiro, tem-se-lhe introduzido certo francismo, que, não só o desnatura, como coloca os direitos do individuo em um estado bem perigoso.

Nestas condições, nos é mais que preciso uma codificação de leis, afim de que se methodise a sciencia, e se garanta melhor o direito das partes. E é neste estado de coisas, que o sr. ministro da justiça procura inutilizar o projecto do nosso código civil, sobre o qual o sr. dr. Teixeira de Freitas tem trabalhado muitos annos, em beneficio das letras patrias, da ordem e do bem estar deste pobre paiz!

O dever do sr. Alencar era o de nomear, depois que o sr. dr. Teixeira de Freitas desse por completa a sua obra, uma comissão dos mais entendidos na materia, que tivesse por fim juntamente com o seu autor, analisar, discutir e esclarecer o projecto, que mais tarde devia ser o código de nossas leis civis. E, em tudo isto, devia o ministro da justiça proteger o mais possível, a facil acceitação dessa obra, considerando o seu mérito proprio, o de seu autor, attendendo ao bem do paiz e á sua gloria.

Os sentimentos de um bom patriota, e os dictames de uma consciencia que ama a justiça, respeita o talento e considera o trabalho não podiam proceder por um modo diverso. Assim se pagão os esforços de um grande homem; por esta maneira é que se recompõem aquelles que honram o seu paiz e luctam pelo seu engrandecimento.

Mas, os nossos governos não pensão assim; esmagar e desmoralizar o que é nacional, e introduzir, sem propósito, no paiz o que o estrangeiro tem de máo, deixando de parte o bom, e neste ponto principalmente o que é de Paris, é o constante proceder dos homens que dirigem os destinos desta nação de desgoverno.

Este sistema já é muito velho entre nós, e já creou raizes muito profundas nesta desventurada terra brasileira, tendo conseguido em resultado a degradação do paiz e o indifferentismo de seus filhos por tudo e por todos que lhes dão respeito.

Tenhamos, entretanto, fé em Deos e no povo, que ainda se não corrompeu ao contacto das fardas bordadas, que o Brasil se salvará, e nessa época as mediocridades se conservarão no seu verdadeiro posto, deixando aos homens de mérito o lugar de honra a que terão direito pelos seus talentos e virtudes.

A camara unanime

Com este titulo escrevemos no segundo numero do nosso jornal um artigo, no qual dissemos que a camara actual se achava collocada entre as pontas do seguinte dilema: ou havia de morrer de sonmo, transformando-se em uma verdadeira casa de Morpheo, ou teria de dividir-se, e, deste modo, acabada a união do partido conservador, estava este perdido para sempre.

Estas proposições foram recebidas pelos conservadores como arma de oposição, e não como uma previsão que estava ao alcance de todos.

Entretanto os factos acabão de vir em nosso favor, como esperavamos, e hoje a ninguem mais é dado duvidar da veracidade das nossas proposições.

A camara dos deputados acha-se claramente dividida em dois grupos, um que ainda procura amparar o agonizante ministerio de 16 de Julho, e outro, tendo á sua frente o srs. Andrade Figueira e Perdigão Malheiros, que abertamente investem contra os homens do Olympo, os salvadores desta patria que tudo esperava de sua ilustração e civismo.

E sempre este o resultado das camaras unanimes; e o sr. visconde de Itaborahy, tendo já em outros tempos experimentado as consequencias deste erro politico, não devia consentir que os seus collegas o arrastassem por tal forma a um precipicio, cujos perigos não lhe deviam ser desconhecidos.

Dizemos os seus collegas, e não o sr. visconde de Itaborahy, porque sabemos que s. ex. neste negocio andou ás cegas, nelle não representando senão o seu nome. E deste modo acreditamos fazer algumas justiça ao caracter do phantas-

magerico chefe do partido conservador e da situação actual:

Mas os homens adoradores *féis* da soberania divina do sr. d. Pedro II, e respeitadores submissos de sua vontade irresponsável e infallivel, assim o quizeram, hoje achão-se representando um papel duplamente ridiculo, colocando-se em um terreno duas vezes falso.

Um papel duplamente ridiculo, porque o ministerio não pôde mais negar o seu caracter de comediantes, não só em face dos seus inimigos politicos, como tambem no seio dos homens do seu proprio partido, daquelle que hontem o divinisaram, e agora, conhecendo o seu estado de decomposição, já tractão de dar-lhe uma cova, preparando-se para substitui-lo nestá vasta e ridicula mascarada, pela qual atravessa este lacrimoso e ensanguentado paiz.

Collocaram-se os homens do gabinete actual em um terreno duplamente falso, porque, batidos por uma oposição, que não lhes deixa repouso, e assim o deve fazer, não podem mais confiar nem nos seus proprios amigos, pois, estes se achão delles separados por interesses diversos, e são os que mais fundo lhes estão cravando a setta mortifera.

Nestas condições, é mais que evidente, a queda deste gabinete, anunciado como o *Mississ* desta pobre nação; já não é mais possível occultar-se hoje este acontecimento, pois que elle se apresenta com todas as cores de uma evidencia incontestavel.

E estas tristes conjecturas os conservadores não sabem o que fazer, temendo seriamente o futuro desta triste ordem de coisas para este imperio, mas deliciosa para elles.

O proprio ministro da agricultura, o muito *celebre* sr. Antão, já declarou, e todo o mundo o sabe, que a camara devia sustentar a todo o custo o ministerio, porque a sua queda arrastaria com si a morte da situação. O sr. Perdigão Malheiros tambem por sua vez confessou a mesma verdade, dizendo que os liberaes estavam muito proximos do poder.

São duas vozes muito autorizadas para os homens da ordem, e que merecem de sua parte toda a confiança.

A consequencia de tudo isto é que o proprio ministerio, por intermedio de um de seus orgaos, e os conservadores por meio do chefe da oposição da camara temporaria já vão conhecendo a justicia das nossas proposições; já elles não são mais para elles uma arma de oposição, mas uma verdade, cujos terríveis effeitos já começam a sentir, contra sua vontade, aquelles, que há pouco dias a escarneciam e injuriavam.

Tanto peior para elles, e melhor para nós e o paiz.

Retirados da scena estes comediantes, a quem chamará o sr. d. Pedro II para substitui-los? Nós nada temos com isto, porque não nos intrometemos na luta dos aulicos, a nossa missão é outra, e a nação felizmente a conhece.

Esperemos o novo acto da comedia.

Comedia napoleonica

Os ultimos assomos do povo de Paris assustaram o grande autocrata de todas as Franças.

E elle que é a França, elle que é o direito e a vontade dos miserios descendentes do povo gigante de 1789, deliberou acalmar o mau humor dos *Papa-moscas*, promettendo algumas concessões de liberdade.

A' 12 de Julho o sr. Ronher sobe á tribuna do parlamento, e lê com voz tremula a seguinte «Mensagem» de S. M. Imperial ao corpo legislativo:

«Srs. deputados—Pela declaração de 28 de Junho o meu governo vos fez conhecer que desde as aberturas da sessão ordinaria submetteria á alta apreciação dos poderes publicos as resoluções e os projectos que lhe parecessem mais proprios para realizar os votos do paiz.

«Entretanto o corpo legislativo parece desejar conhecer imediatamente as reformas resolvidas pelo nosso governo. Julgo opportuno prevenir suas aspirações.

«A minha firma intenção, o corpo legislativo deve estar disso convencido, é dar ás suas atribuições a extensão compativel com as bases fundamentaes da constituição: e vou expôr nesta mensagem as determinações adoptadas em conselho.

«O senado será convocado o mais breve possível para examinar as questões seguintes:

«1.º Attribuições ao corpo legislativo

Cabellereiro, com estabelecimento.
Mercador de cal.
Caldeireiro, com estabelecimento.
Mercador de carne secca.
Fabricante e mercador de carroças e carros de bois.
Empresario de carros e seges de aluguel.
Mercador de objectos de casquinha e bronze.
Empresarios de cocheira de cavallos a tracto e de aluguel.
Cerieiro, com estabelecimento.
Mercador de cerveja.
Mercador de chá.
Mercador e fabricante de choculat.
Empresario de confeitaria.
Conserveiro (o que prepara e rende conservas alimenticias).
Mercador de couros.
Mercador de espelhos e quadros.
Mercador de farinha de trigo.
Mercador, por miudo, de tecidos ou fazendas.
Mercador, por miudo, de ferragens.
Fabricante e mercador de flores artificiais.
Mercador de fogões de ferro.
Mercador de fumo em rama.
Mercador de fume em rolo.
Marchante ou mercador de gado vacum.
Mercador de instrumentos de cirurgia.
Mercador de instrumentos de musica.
Mercador de instrumentos de nautica, e matematicas.
Mercador de instrumentos de optica.
Lampista, com estabelecimento.
Thesoureiro ou mercador de bilhetes de loteria.
Mercador de vidro, crystal, e louça de porcellana.
Mercador de materiaes para construção.
Mercador de papel pintado.
Fabricante ou mercador de productos chimicos.
Empresario de reboque a vapor.
Mercador de roupa feita no estrangeiro.
Mercador de sellins fabricados no estrangeiro.
Sireiro, com estabelecimento.
Fabricante e mercador de tabaco.
Empresario de theatro.
Mercador de toucinho e queijos.
Fabricante e mercador de vinagre.

3^a CLASSE DAS INDUSTRIAS E PROFISSÕES

Abridor gravader, com estabelecimento.
Empresario de açougue.
Empresario de fabrica de descarregar algodão.
Fabricante e mercador de pasta de algodão.
Apparelhador de madeira, com officina.
Armador, com estabelecimento.
Empresario de fabrica de descascar e ensacar arroz.
Bahuleiro, com estabelecimento.
Boticario, com estabelecimento.
Mercador de brinquedos.
Bronzeador, com estabelecimento.
Fabricante e mercador de artefactos de cabellos.
Empresario de fabrica de despolpar café.
Mercador de calçado do paiz.
Empresario de carroças de aluguel.
Carpinteiro, com estabelecimento.
Fabricante e mercador de chapéos.
Mercador de chapéos de scl.
Colchoeiro, com estabelecimento.
Mercador de colletes para senhoras e crinolinas.
Correeiro, com estabelecimento.
Empresario de cosmorama.
Costureira, com estabelecimento.
Cutileiro, com estabelecimento.
Empresario de diorama.
Dourador e prateador, com estabelecimento.
Empalhador, com estabelecimento.
Fretador de embarcações miudas.
Encadernador, com estabelecimento.
Entalhador, com estabelecimento.
Mercador de escovas e vassouras finas.
Escultor, com estabelecimento.
Estofador, com estabelecimento.
Ferreiro, com estabelecimento.
Mercador de ferro em moveis.
Funileiro, com estabelecimento.
Mercador de gado suino, ovelhum e caprino.
Fabricante e mercador de gelo.
Gerente ou director de companhia ou sociedade anonyma.
Mercador de imagens.
Mercador de kerosene.
Latoeiro, com estabelecimento.
Empresario de estancia de lenha.
Mercador de licores.

Mercador de livros.
Mercador de livros em branco.
Mercador de louça de pó de pedra.
Mercador de machinas de costura.
Mercador de machinas agricolas.
Mercador de machinas hidráulicas.
Marceneiro, com estabelecimento.
Mercador de marinore.
Mascates ou bosfarineiros.
Fabricante e mercador de massas alimenticias.
Mercador de moveis do paiz.
Mercador de moveis usados.
Mercador de musicas.
Empresario de padaria.
Mercador de papel e objectos de escriptorio.
Empresario de banca de pescado.
Penteiro, com estabelecimento.
Fabricante e mercador de phosphoros.
Pintor, com estabelecimento.
Poleiro, com estabelecimento.
Retrastista, com estabelecimento.
Alugador de roupa de fantasia.
Mercador de roupa feita no paiz.
Mercador de sabão e velas de sebo.
Mercador de sal.
Mercador de sanguessugas.
Sapateiro, com estabelecimento.
Selleiro, com estabelecimento.
Mercador de sementes.
Serralheiro, com estabelecimento.
Tamanqueiro, com estabelecimento.
Tanoeiro, com estabelecimento.
Mercador de tintas.
Tintureiro, com estabelecimento.
Fabricante e mercador de velas de navios.
Mercador de velas de estearina.
Vidraceiro, com estabelecimento.
Violeiro, com estabelecimento.

Eis como o sabio, soberano, paternal e divino governo de S. Magestade o Imperador, o sr. d. Pedro II, de Alcantara e Bourbon, ajuda, protege e felicita a industria, o commercio, e as artes n'este maravilhoso imperio diamantino!

Que povo, n'este mundo, será mais feliz, mais dictoso, melhor governado, que o grande e magnanimo povo do Brasil?

Só os chinezes e os negros de guiné.

Si o Brasil não é o novo Olympo dos illuminados monarchistas; si o divino sr. d. Pedro II não é o verdadeiro Jupiter; a mythologia é um sonho; o filho de Saturno uma mentira.

(Continua).

COLLABORAÇÃO

As reformas

Alguem já disse que o meio de tornar as revoluções raras e difíceis é tornar facéis as reformas.

Parece-nos um principio verdadeiro; mas os homens do governo do sr. d. Pedro II assim não pensam; preferem abandonar a opinião do paiz, que hoje se mostra propenso às reformas; tarde, porém, conhecerão as consequencias de semelhante procedimento.

Sustentam e propagam ubi et orbi a inutilidade das reformas; encheram nelas planos occultos.

Clamam que tudo vai ás mil maravilhas, que chegamos á *edade d'ouro*, tão prometida e fallada até ás vespertas do 16 de Julho.

Vejamos, porém, o que tem feito o ministerio restaurador, composto em sua totalidade das maiores capacidades do partido conservador.

Concluiu elle a guerra, com a qual tanto especulou, chegando até a servir-se della para galgar o poder?

Não; ella ainda continua; tomou nova phase, sendo-nos talvez impossivel a continuação, pois que os nossos cofres estão exhaustos, o nosso credito comprometido em consequencia de ruinosos empréstimos e o nosso paiz, onerado com enormissima dívida.

E entretanto já é tempo de pôr termo a esta luta, que hoje se tem tornado impopular, e que tem servido para opprimir ao povo.

Nella não descobrimos interesses nacionaes, mas unicamente acinte do sr. d. Pedro II ao presidente Lopes em virtude de questões todas particulares, com as quais nada tinha que ver a nação.

Não ha negal-o.

E uma verdade que está na consciencia publica.

Se, pois, a politica restauradora tem-se mostrado impotente para concluir a guerra, o que nos resta, deante de tantas misérias, que conspiram para difficultar a nossa posição?

No grave estado de decadencia politica em que se acha o paiz, parece-nos evidente que a unica solução possivel é a reforma, que tenderá a consolidar as nossas instituições, que não podem gozar da immobildade chinesa, momente hoje que a Europa se tem reformado consideravelmente em sentido liberal.

Assim é que a Russia operou, não há muito tempo, a emancipação dos servos, e que a Austria necessitou, para manter-se e fazer face ás ambições da Prussia, de iniciar uma politica altamente liberal, e fazer concessões á Hungria, que hoje se acha a ella vinculada pelos laços da federação.

Assim é que a Inglaterra procura todos os meios afim de abolir a religião oficial na Irlanda; que a Espanha, entrando em nova phase, passou d'um regimen puramente theocratico a um regimen livre.

Assim é finalmente que a França recebeu ha pouco mais algumas concessões de liberdade das mãos de Napoleão III. Já não é lícito, pois, retrogradar, hoje que o velho mundo aperfeiçoa as suas instituições; não é possível que presentemos impassíveis esse movimento progressista dos estados europeos.

Sim, as reformas que anhelamos, hão de vingar.

O sr. d. Pedro II tem necessidade d'ellas para poder permanecer entre nós.

Ahi está a historia, para mostrarnos que as reformas vingam por si quando encontram apoio no povo.

Em França foi a revolução de 89 que extinguio o absolutismo, abolindo a realeza, e condenando Luiz 16; Carlos I d'Inglaterra expiou no cadafalso os seus crimes; Carlos 10 e Luiz Felipe com quanto inviolaveis, também cairam ao lado de Polignac e Guizot.

A rainha Izabel, quando menos pensava, viu o throno desaparecer-lhe, e hoje gosa em terra estranha as delicias d'um exilio que tanto procurou.

Eis ahi as consequencias dos desmandos dos reis. Procuraram empecer as reformas, mas provocam deste modo a sua ruina.

Não queremos lembrar o 7 de Abril. Já o paiz todo conhece e comprehende os grandes beneficios dessa revolução.

Pois bem; se quereis conservar-vos, protegei as reformas; senão provocareis a revolução e cavareis a vossa ruina.

Grande é a força da opiniao; debalde procurareis obstar-lhe; ella é tal, que nada teme, tudo arrosta.

Acompanhue o povo, só assim evitareis a revolução, promovendo as reformas.

Sublime era a lição, que a nação dava ao absolutismo; brillante a victoria da causa popular!

A facção dos Paranaguás e Clementes Pereiras, timida, encastellava-se na mais reservada prudencia, aconselhada pela derrota de suas ideias.

Feijo acreditou que a queda de d. Pedro I seria elemento regenerador do novo imperio, e que este se fortificaria pela satisfacção as aspirações da patria.

Infeliz illusão! Não é a unica, que a historia consigna.

Tambem illudiu-se o mais prestigioso homem da França, o democrata conhecido e respeitado no velho e novo mundo. Quem ignora suas palavras a Luiz Felipe era 1830, no Hotel de Ville?

«Eu sou republicano», disse Lafayette, considero a constituição dos Estados Unidos como o que existe de mais perfeito.

Ella não convém actualmente à França: esta necessita de um throno popular, rodeado de instituições republicanas.

À general parecia que as condições da nacionalidade francesa exigiam, naquelle tempo que a coroa tomada á Carlos X cingisse a fronte do duque de Orleans. Com a franqueza de character, que o ornava, trabalhou para esse fim, e o conseguiu, sacrificando suas crenças essencialmente democraticas ás supostas conveniencias do paiz.

Não haviam decorrido longos annos e já o governo pessoal estava fundado, e Lafayette era vítima das traïções do rei.

Luiz Felipe esqueceu-se dos sentimentos liberaes, que ostentara antes de subir ao throno.

Menespresando os brios e direitos da nação, proclamou-se o predestinado para governar-l.

Então atirou o cartel de desafio á sua dignidade e á sua força nas memoráveis palavras: «Em todos os Estados da Europa ha o elemento das revoluções, mas nem todos são governados por um duque de Orleans, poderoso para suffocá-las.»

A França respondeu com os dias de Evereiro de 48.

Depois de uma quadra de triumphos para o ministro da regência em 31, chegaram os tempos de duros sofrimentos, mas nunca aniquilaram essa grandeza de alma, que tanto o distingua.

O segundo imperio tinha em 1841 levantado a facção absolutista, derrotada pela segunda vez na questão da maioria.

O ministerio de 23 de Março daquella anno não poupara os meios mais violentos e ignobres para exterminar seus adversarios.

Leis e decretos anticonstitucionaes se publicaram.

Foram enviados ás províncias presidentes de curtas vistas, mas de grandes odios.

A compressão distendia se por toda a parte e de todos os modos.

A ambição de perpetuo mando cegava os homens do regresso.

Attentado sobre attentado, todos os recursos eram aproveitados para manter a mais condemnavel politica.

A 1º de Maio de 1842, foi dissolvida previamente a camara dos deputados, que não tinha sido eleita á medida dos desejos do governo.

Este entregou á polícia a escolha dos que deviam sustentá-lo.

A província de S. Paulo, que teve a maxima parte nos principaes acontecimentos do paiz, não pôde conter-se deante das mais revoltantes violências do poder.

Ela via á testa dos negocios publicos, em manifesto desprezo á dignidade nacional, um ministerio dominado pelo marquez de Paranaguá.

Quem o diria!...

O brasileiro, que nas cōrtés de Lisboa quando soube da independencia de sua patria, disse: «Hei de atravessar a nadão e com a espada na boca o Atlântico para bater os rebeldes independentes», tinha assento nos conselhos da coroa.

O fatal associado do absolutismo de d. Pedro I era o estadista de confiança, já no começo do segundo imperio.

Nestas circunstancias aos liberaes era licito descrever da justica e moralidade da administração suprema.

Resolveram oppôr-se á marcha estraga-dade demolidora, que ella seguia.

Feijo e Tobias puseram-se á frente de seus correligionários.

Mas nem nos clubs, nem na imprensa do partido, nem nas proclamações dos chefes, uma só voz se ouviu no sentido de encaminhar a revolução contra a monarquia.

A suspensão das leis anticonstitucionaes e compressoras, até que se reunissem as camaras, a destituição do presi-

dente Costa Carvalho, evitariam os acontecimentos de 42 sem effusão de sangue.

O governo era facil satisfazer a estas nabres aspirações e desfraldar a bandeira da justiça.

Não o quiz.

Feijó na citada carta de 14 de Junho assegurava ao barão de Caxias a deposição das armas por parte de seus amigos politicos, si, attendidas aquellas justas exigencias, fossem amnisteados os comprometidos no movimento.

Elle oferecia-se ás iras do poder, mas elle só, ficando salvos os outros.

O barão de Caxias deu essa resposta que nunca deverá ser riscada da memoria dos paulistas: « As ordens que recebi de sua magestade o imperador, são em tudo semelhantes ás que me deu o ministro da justiça, em nome da regencia nos dias 13 e 17 de Abril de 1831, e é de levar a ferro e fogo todos os grupos armados, e da mesma maneira que então cumprí, as cumplirei agora. »

No dia 22 de Junho de 1842 Feijó foi preso por ordem do barão de Caxias, o mesmo Luiz Alves, a quem tirou da obscuridade. E a mais atroz perseguição se desenvolveu contra elle.

Taes são as cousas deste mundo!.....

O ministro da justiça, que em 1831 salvou o trono do sr. d. Pedro II foi uma das primeiras victimas do segundo imperio.

Aos mais ardentes eufusiastas da democracia 1831 pôde talvez significar a phase de erros ou culpas daquelle paulista. Cumpre-lhes, porém, reconhecer que 1842 o rehabilitou tornando o martyr do absolutismo, e revelando que Feijó proclamava a revolução como um direito dos povos, quando não querem viver sob a opressão, á que são votados pelos governos.

(Do Ypiranga.)

CHRONICA

Radical Paulistano— Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas; os desta capital poderão fazê-lo, enviando a importancia dos seus debitos á typographia do Correio Paulistano, os de fora, fazendo-o em cartas registradas dirigida esta capital ao sr. Cyriaco Antonio dos Santos e Silva.

A Consciencia Livre— Com este titulo apareceu na arena da imprensa um novo lidador; o seu nome é uma garantia da causa que advoga. Dejamos-lhe vida longa e feliz.

Provincia de Goyaz— Com este nome apareceu mais um organo na imprensa.

A imparcialidade é a sua divisa.

Desejamos que o collega se mantenha nesta nobre posição, e que colha os mais bellos louros no elevado terreno em que se collocou.

ANNUNCIOS

Systema Metrico

O abaixo assinado faz sciente ao respeitável publico desta cidade, que tendo feito um estudo profundo sobre as matemáticas que leciona, tanto no systema metrico, para isso tendo mandado vir do Rio de Janeiro, livros proprios, entre outros, como seja: o tratado elementar de arithmetica de Jorge Ritt, obra que trata do sistema metrico com o maior desenvolvimento possivel; como nos diversos methodos de ensino; e para isso tem obras que desenvolvem a materia com bastante profusão, e igualmente tem feito um es-tudo aturado, que lhe tem dado em resultado o ter feito resumos tão pequenos, que em poucas lições a materia fica perfeitamente sabida; e que continua a lecionar as referidas matérias, e tambem primeiras letras, analyse grammatical, arithmetica, geometria, frances e geographia, por preços muito rasoaveis, na casa de sua residencia à rua da Esperanca n.º 31, e tambem por casas particulares. 2-6

B. Vincent.

Attenção

Dá-se diñeiro a premio, dando-se boas garantias. Para informações na rua Direita n.º 8 o negocio. 8-5

Jundiah

Vende-se naquella cidade um armazém de secos e molhos, muito bom para varejo e atacado, muito se do lugar por causa de certas amizades, e não por falta de negocio. A quem convier pôde dirigir-se com o proprio dono na mesma cidade, rua Nova n.º 10, 3-3.

E. B. SCHAAAR & C. A.

CASA DE MODAS E FAZENDAS

RUA DA IMPERATRIZ N. 1 A

Tem a honra de participar ao respeitável publico que recentemente preparados para receber bimensalmente e directamente de França as mercadorias que são necessarias a seu negocio, poderão servir ás pessoas, que os quiserem honrar com sua confiança, com o abatimento que suas contractos directos com os fabricantes franceses e allemandes lhes permitem obter nos artigos seguintes:

Coras de vestido de foulard, para seda, a 350 rs. Fazendas de lana riscadas e setim a 1.500 e 1.800 o cov.

de linho dita dita a 800 rs. o covado.

“ Rocambolle a 600 rs. “

“ alpacas lisas a 480 rs. “

Bareges de lã a 400 rs. “

Vegetais riscadas e escoceses a 320 “

Percal de Mulhouse a 560 rs. “

Chitas em cassa (4 cores) a 460 rs. “

claras e escuras de Rouen a 380 e 400 rs. o cov.

Grande sortimento de casas brancas, dit s molho, ditas bordadas de lã de cōres, tarlitanas brancas e de cōres, lisas e com brillantes todos asfangados das primeiras fabricas de Tarrare, filos e escoceses brancas, pretas e de cōres, cluny branco e preto em peça e em renda, renda Blonde branca enfeitada de prata, dita branca e preta, renda valenciennes, etc.

Chales escoceses e pretos.

Espalhiflos a 50 e 80 rs. “

Ditos de galão a 80 rs. “

Baldos de mola a 60 e 800 rs. “

Invisíveis com contas de 500 a 1.200 rs. “

Ditos com enfeites de fitas, flores e contas a 200 rs. “

Toquinhos coiffures, chapéos de palha das primeiras casas de modis de Paris, de 50 a 80 rs. “

Grande sortimento de grinaldas de palha para enfeites de cabello, de chapéos e vestidos, guarnições de ves-

tidos, de penas e de flor. s, como nunca veio a esta cidade.

Fitas, botões, gâloes e enfeites de seda assentada.

Luras de todas as qualidades.

Ditas de pelica de cōr, chamada sangue de boi, a 2.500 rs. o par.

Ditas brancas, pretas e de cōres a 2.800 rs. o par.

CALÇADO

Botinas de senhora: Botinas de meninas:

De duraque branco ricamente enfeitadas a 80 rs. Para os preços de 70 rs.

Ditas de cōres a 70 rs. 60 rs.

Ditas com laço 60 rs. 40 rs.

Ditas pretas e de cōres, lisas a 50 rs. 50 rs.

Ditas gompeadas 60 rs. 50 rs.

Grande sortimento de brincos, alfinetas, collares e pulseiras; ditos para luto; fitellas, cintos, medalhões abotoadores de colletes, doublet ouro, ditas com pedras. Tudo muito em conta.

Liquidation de porcellana, louça, prataria Rnoltz, chrystaes, &c.

E. B. SCHAAARE C. A.

1 A RUA DA IMPERATRIZ 1 A

Resolvido a liquidar esta parte do seu negocio oferecem o resto desta mercadoria de seu armazém, com mais de 30 por cento de abatimento.

Liquidation de calçado de homens

Os mesmos liquidam também esta parte e vendem as boinas marca Suze, que têm vendido até aqui a 90 rs., por 70 rs. 50 rs.

Attenção

F. Pedro Bourgad

35-RUA DA IMPERATRIZ, ANTIGA RUA DO ROSARIO-35

Tem a honra de participar a seus fregueses que tem feito um grande abatimento nos generos da sua casa, sendo: costumes de casimiro feito sobre medida por 48.000, paleto de casimiro a 20.000, ditos sobre casas de panno preto a 28.000, ditos de merino azul a 24.000, ditos de gorgorão de seda preta a 36.000, ditos a 32.000, ditos de brim de linto a 6.600, rónes de calça de casimiro a 12.000, que se vendem a 18.000, calças de casimiro feita sobre medida a 15.500, que se vendem a 20.000, cavaque de panno piloto a 24.000, collets de brim feito a 3.000. Todas estas obras lhe vem directamente da Europa, a motivo pelo qual pode dar mais barato, e seus fregueses poderão gozar dessas vantagens. A mesma casa se encarrega de fazer qualquer obra sobre medida, e affanha perfeição da mesma entregando-a sem o menor defeito, visto que tem os melhores officiaes de S. Paulo. 15-10

FURTO

Hoje às 4 horas da tarde pouco mais ou menos, uma negra, que passara pela rua do Ouvidor, tirou das orelhas de uma menina de 2 anos que se achava na porta da casa n.º 21, um par de bichas com os seguintes signos: são de ouro, cravação simples e com uma pedra de brilante cada uma. Roga-se pois aos sr. ourives e joalheiros a quem porventura forem oferecidas para comprar, o obsequio de as appreenderem e avisar ao

15-10

Jose Caetano da Silva Barros,

S. Paulo, 21 de Setembro de 1869. 2-2

Trabalhos esta desempenhados pelos principais artistas da companhia.

O espetáculo é dividido em 8 partes, que constam do seguinte:

PROGRAMMA

Depois que finalizar a ouverture pela banda de musica, dará principio ao espetáculo pela maneira seguinte:

CORDA FORTE

Trab. sobre a corda, executado pela senhora d. Flora.

Saltos e equilibrios

na mesma corda, desempenhados pelo director.

ACTO PRINCIPAL

Difficil trabalho equestre pelo jovem Antonico, pulando varios, objectos.

Segue-se pelo 1.º equilibrista sr. João Tertuliano, o trabalho surpreendente, pela primeira vez neste circo, intitulado

A ESCADA JAPONEZA !!!

equilibrando sobre os pés u na longa escada, na qual o corajoso jovem Chiquinho subindo ate o ultimo degrau executara perigosissimas posicões (com risco da vida).

Este novo trabalho de grande equilibrio foi apresentado por pouco tempo pela companhia Japoneza. Porém o artista Tertuliano, hoje apresenta ao respetável publico de S. Paulo, e pela desculpa se cometer alguma falta, pelo justo motivo de haver pouco tempo de ensaios.

Trabalho equestre

desempenhado pelo sr. Evaristo.

SCENA COMICA

pelo jovem Antonico, mostrando diferentes caracteres sobre um cavalo a galope.

DIFFERENTES EQUILIBRIOS

executados pelo artista Tertuliano.

Scena olympica

Finalizará o espetáculo com um difícil trabalho equestre, desempenhado pelo artista Rocha e o jovem Chiquinho. O sr. Augusto palhaço, prehencerá este espetáculo com suas jocosidades.

Principiará ás 5 1/2 horas da tarde.

Os camarotes foram mudados para lugar melhor a bem das illas, famílias.

Preços dos bilhetes

Camarotes com 5 cartões de entrada. 8.000. Varandas para familia, por pessoa. 1.000. Gerais. 1.000.

O director pede ás pessoas que tiverem camarotes, o especial obsequio de mandarem trazer cadeiras de casa e desde já muito agradece ao respetável publico.

Do meio dia em diante subirão ao ar foguetes, sendo este o signal do espetáculo.